



LEMBRANÇAS III

Está semana tive uma visita muito agradável, meu amigo Máximus que há meses não via, apareceu em casa, todo empolgado, também pudera, estava de férias na Itália e aproveitou para ficar uns meses além do planejado curtindo as maravilhas da velha bota. Há meses não se víamos nem batíamos um papo. Quando viajou disse que iria se isolar, dar um tempo queria refletir sobre sua vida, tomar decisões que o atormentavam. Para ele nada melhor que ficar um bom tempo longe de tudo e todos, assim ficaria mais fácil enxergar as possibilidades e alternativas mais acertadas. Era bem seu estilo, isolar para pensar.

Ficamos horas conversando, colocando os assuntos em dia. Máximos todo empolgado mostrando suas fotos os lugares que passou, Roma, Milão, Veneza, algumas cidadezinhas do interior, museus, praças, etc. Pela vivo entusiasmo demonstrado a cada foto, percebi que a viagem fora boa. E no intervalo entre uma foto e outra Máximus contava suas histórias e aventuras. E nessas histórias, uma bem inusitada me chamou a atenção, bem ao seu estilo, “aproveitar a vida ao Máximo”. Como ele diz - essas maluquices é que tornam a vida agradável e inesquecível.

Ele relatou-me um pequeno romance que teve com uma italiana de Milão, apenas dezessete anos, a jovem Rosi. Olhando as fotos que tiraram juntos, deu para perceber que era dessas meninas de estilo rebelde, cabelo preto com mechas loiras, pircen no umbigo, tatuagem tribal nas costas logo acima do bumbum, bem moderninha. Ficaram um mês e alguns dias juntos, e segundo Máximus dias bem intensos. Rosi aparecia em varias fotos, logo percebi que foram dias muito animados que passaram juntos. Além de excelente companhia, também fora uma excelente guia turística, o levando para conhecer todos os lugares interessantes da cidade, restaurantes, museus, bares, tudo, até a escola que ela freqüentava. E por falar em escola, foi nela que aconteceu uma história bem inusitada – ele me disse que foi a escola no final da aula para buscá-la, e ela resolveu mostrar sua sala de aula. Ele nada atrevido fechou a porta da sala. A está altura eles pensaram que o restante dos alunos haviam partido. Seria uma loucura ficar ali trancado, os instintos iriam se aflorar a qualquer instante, um beijo, um carinho, e para estar sem roupas fazendo amor não seria nada improvável. Os riscos eram grandes, tinha o problema do vigia aparecer ou a faxineira, mas a fantasia o ímpeto da juventude fala mais alto, e a adrenalina despejada no corpo pelos pensamentos mais libidinosos tiram qualquer chance de agir com a razão, deixando a emoção e o calor dos beijos agirem. Máximus estava extasiado com a idéia, mil e uma coisas passavam em sua cabeça, Rosi era uma jovem muito atraente e encantadora, sabia apesar da pouca idade prender a atenção de um homem, e seu encantamento o dominava, que a está altura já estava sem a camisa, esquecera de tudo, só via Rosi a sua frente, apenas seus beijos importavam. Rosi o provocava e o deixava cada vez mais envolvido, sabia que Máximus estava sobre seu controle, sabia que ele queria possuí-la naquele momento, e para deixá-lo ainda mais envolvido, pediu a ele que sentasse em uma cadeira e fechasse o olho, abrindo-o apenas quando ela mandasse – e sem fazer menção de desobedecer foi logo fechando seu olho, e agora contava apenas com a imaginação para tentar adivinhar o que a imprevisível jovem aprontaria. Rosi subiu em uma carteira bem à frente de Máximus, e lhe deu a ordem – pode olhar – a jovem era realmente imprevisível, e isso injetava mais adrenalina em Máximus, que ao abrir o olho e vê-la dançando encima da mesa desabotoando a blusinha, seu coração disparou, Rosi tinha um corpo magnífico,



com curvas bem definidas, era realmente linda, era inegável que ela despertava grandes desejos, e ela sabia disso, percebia o momento e transformava um simples encontro em um momento inesquecível. Não dava para acreditar, ela realmente faria um estriper ali na sala de aula, onde a pouca estudava inocente com rostinho de anjo, mas sua inocência se perdia a cada instante a cada peça de roupa tirada, a blusinha, a calça, e cada peça tirada era lançada pro ar. Só restava a calcinha, mas Rosi parou com o estriper e começou a dançar a dança do ventre, que por sinal dançava muito bem, fazia alguns meses que freqüentava aulas com sua professora Alili, dançarina árabe que veio a Milão fazer apresentações e se encantou com o lugar, se tornando mais uma moradora da elegante cidade italiana.

A sensualidade de sua performance deixou Máximus paralisado, seu olhar era fixo igual o de uma águia quando encontra sua presa e desce em vôo rasante em sua captura, se mexia apenas para acompanhar o movimento sensual de quadril típico que a dança exige. Não percebia mais nada em sua volta, apenas a linda Rosi dançando e esbanjando sensualidade, era impossível desprender o olhar e perder algum detalhe. O desejo de tocá-la, de acariciar sua pele macia, de possuí-la era incontrolável, e ele não foi capaz de resistir nem mais um segundo o delicioso momento, e com um rápido movimento pegou na calcinha de Rosi e com um puxão forte arrancou de seu corpo, que soltou um gritinho seguido de uma risada safada de quem conseguira enlouquecer com seus truques o eufórico Máximus. Que finalmente conseguira sair do transe que Rosi o deixará e perceber que não estavam sozinhos. Na janela atrás deles uma platéia composta por algumas crianças que os assistiam com olhares fixos e queixo caído as cenas extravagantes e inusitadas para crianças daquela idade. Rosi esquecera que as crianças do primário saíam um pouco mais tarde nos dias de sexta-feira, devido as aulas de inglês.

Máximus me contou que foi uma correria louca, nunca viu uma mulher se vestir tão rápido em sua vida. Rosi enrubescida por lembrar dos olhares das crianças pegou na mão de Máximus e saíram correndo escola á fora sem olhar para trás, que após saírem e ganharem uma certa distância da escola e passar um pouco do trauma, riram as gargalhadas ao lembrarem da inesquecível experiência.

Fora realmente muito engraçado e traumático ao mesmo tempo – engraçado por terminar daquela forma com uma platéia de crianças e traumático por saber que uma outra oportunidade igual, talvez nunca mais se revele.

Já era tarde quando Máximus se despediu, percebi que estava com o espírito mais leve após a viagem, e com ares de apaixonado, acho que jovem Rosi mexeu com sua cabeça, e a viagem que fizera com propósito de organizar sua vida, provou que a vida não deve ser sempre organizada, e não há nada de mais em um pouco de *laissez faire*, *laissez passer*.

Márcio Prudêncio

Dourados-MS, 26 de junho de 2006.